

HOJE O PRÍNCIPE NÃO VEM: COMO O AMOR ROMÂNTICO INFLUI EM RELAÇÕES ABUSIVAS

Gabrieli Cardoso (PIC/UEM), Hilton Costa (Orientador). E-mail: ra131614@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Sociologia/Outras Sociologias Específicas

Palavras-chave: amor romântico; relacionamentos; pensamento social.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo investigar a intersecção entre amor romântico e relações abusivas a partir de bibliografias que tocam tais temas. Aqui o amor romântico não é lido como um fenômeno universal ou inato, e sim uma construção sócio-histórico-cultural. Ao desnaturalizar tal ideia fica possível observar como as idealizações desse mito estão profundamente ligadas às estruturas patriarcais e a socialização de gênero, servindo para manter relações de poder desiguais. Acredito ser possível enxergar a partir dessa pesquisa que a internalização dos papéis de gênero, a idealização das relações e a normalização da dominação masculina formam uma vulnerabilidade muito específica no que tange às mulheres. São utilizados conceitos como “complexo de cinderela” e o “mito da heroína” para demonstrar a forma que mulheres são induzidas a buscar validação masculina e a aceitar comportamentos abusivos, ficando à mercê do “ciclo da violência”.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo investigar a intersecção entre amor romântico e relações abusivas, utilizando bibliografias que trabalham sobre os temas e a partir disso entender se ambos conceitos se sobrepõem, podendo assim justificar a permanência feminina em relações tóxicas. Distante de ser um fenômeno universal ou inato, aqui o amor romântico é compreendido como uma construção sócio-histórico-cultural, cujas definições e percepções emocionais são moldadas socialmente de acordo com o contexto e através do tempo. A pesquisa apresenta como a internalização de papéis de gênero, a idealização de relacionamentos e a normalização social da dominação masculina criam uma maneira específica de vulnerabilidade para as mulheres. A perspectiva construcionista social de Beall e Sternberg propõe que as culturas ofereçam um arcabouço de “senso comum” que age como “lentes” as quais os indivíduos observam e interpretam seu ambiente e, por conseguinte, o amor. Tal abordagem põe em xeque a ideia de uma realidade singular e universal do amor, propondo que a experiência emocional em si é inerente a sua definição cultural. O argumento de Jurandir Freire Costa complementa essa perspectiva ao dizer que amor romântico, assim como toda crença emocional, é uma

“invenção” que pode vir a ser transformada e até mesmo anulada, contestando assim sua ideia de universalidade, naturalidade e espontaneidade. Para realizar uma análise crítica das maneiras problemáticas que o amor romântico se manifesta é imprescindível compreendê-lo como um construto social. A desnaturalização do amor torna possível enxergar como suas idealizações, constantemente difundidas como inerentes e/ou inevitáveis, podem, na verdade, ser utilizadas como mecanismos para manutenção de estruturas de poder desiguais. Então, quando o amor é lido como uma força natural, universal e incontrolável, as consequências negativas, como abuso, podem ser equivocadamente atribuídas a falhas individuais ou a um destino inevitável. A ligação entre a construção cultural do amor romântico e a normalização da violência estabelece uma conexão essencial entre as noções idealizadas e realidades prejudiciais. Isso indica que as mesmas narrativas que moldam as expectativas românticas têm capacidade para, concomitantemente, criar pontos cegos para o reconhecimento do abuso. Desse modo, ao ser definido culturalmente para conter elementos de controle masculino e/ou de submissão feminina, comportamentos claramente abusivos acabam por ser reinterpretados dentro da estrutura do “amor”. A ideia central desse trabalho é de que os principais ideais do amor romântico, que estão extremamente entrelaçados nas estruturas patriarcais e com a socialização de gênero, geram uma vulnerabilidade no que tange às mulheres, levando-as e prendendo-as em relacionamentos abusivos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, pautada na análise teórica conjuntamente com revisão bibliográfica de trabalhos em sociologia, estudos de gênero, entre outras áreas das humanidades. Até o momento não foram utilizados relatos sobre relacionamentos abusivos para embasar a conexão entre tais relações e o amor romântico, apenas bibliografias que tratam de ambos os temas. A metodologia consiste na desconstrução e análise dos conceitos culturais, como o amor romântico, interseccionalmente com as estruturas de poder, como o patriarcado. Essa pesquisa não propõe novos dados empíricos, e sim uma síntese, análise e articulação de conceitos pré-existentes para observar por uma nova perspectiva um problema social complexo. Essa pesquisa baseia-se nos arcabouços teóricos de autores como Valeska Zanello, Heleieth Saffioti, Gerda Lerner, Colette Dowling, bell hooks e outros, a fim de formar novas conexões entre ideais culturais e a realidade de relações abusivas. A pesquisa se propõe a explorar, a partir da revisão bibliográfica, como um construto social aparentemente positivo, como o amor romântico, pode se tornar um veículo para a opressão sistêmica, por conta de suas ligações histórico-culturais com o patriarcado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão demonstra que o amor romântico, em sua forma moderna, é uma construção cultural, e não uma constante inata do ser humano, sendo um produto sócio-histórico que transformou-se ao longo do tempo, desde a Antiga Grécia (Eros), passando pelo amor cristão (Cáritas), até o Amor Cortês. A "feminilização" do amor romântico, que o vincula ao âmbito doméstico, reafirma a subordinação feminina e dá a elas a função de manutenção dessas relações. A apropriação da função sexual e reprodutiva feminina pelos homens, historicamente institucionalizada por códigos de lei e pela criação das categorias de divisão entre mulheres "respeitáveis" e "não respeitáveis", internalizou a ideia de que o bem-estar feminino depende de um parceiro masculino, tornando o amor romântico um incentivo à conformidade patriarcal. A exclusão feminina da produção e interpretação de sistemas de símbolos, filosofia, ciências e leis, assim como a privação educacional, é basilar para manutenção do patriarcado tornando-as mais suscetíveis a narrativas idealizadas que prometem salvação individual em vez de encorajar a consciência coletiva e a luta contra a opressão sistêmica.

A socialização de gênero tem um papel fundamental na internalização dos papéis que inclina mulheres a vulnerabilidade e os homens a dominação dentro de relações afetivo-românticas. Desde a infância, meninas são socializadas para a passividade e submissão, enquanto meninos são ensinados a valorizar a virilidade, a força e a dominação, criando um desequilíbrio de poder. Em "Complexo de Cinderela", Colette Dowling descreve o conceito como um desejo inconsciente de cuidado e proteção externos que acabam por inibir o intelecto e a criatividade, levando essas mulheres a aguardarem por uma salvação que virá de um homem e a temer a independência. Valeska Zanello, em sua obra *A prateleira do amor* faz uso das metáforas da "prateleira do amor" e do conceito de "dispositivo amoroso" para exemplificar como a autoestima feminina é condicionada pela possibilidade de "ser escolhida" por um homem, seguindo um ideal estético. Esse mecanismo cria um medo de ser "não amada" que pode sobrepor o reconhecimento do abuso. A socialização masculina, por sua vez, inculca nos homens o controle e a posse sobre a parceira. A "Casa dos Homens" é um espaço simbólico onde a objetificação sexual de mulheres e a "violência virilista" são reforçadas, protegidas pela "broderagem", um silêncio cúmplice que fomenta a misoginia e o abuso.

A persistência em relações abusivas é frequentemente explicada pelo "Ciclo da Violência", descrito por Lenore Walker, que consiste em três fases: tensão, crise e "lua de mel". A fase de "lua de mel" é crucial, pois reacende a esperança da vítima de que o relacionamento vai melhorar, fazendo-a ignorar a natureza escalonada do abuso. Essa dinâmica explora o "Mito da Heroína", a crença de que o amor da mulher pode "curar" ou transformar o parceiro, o que a mantém presa ao ciclo e a impede de buscar ajuda externa. A repetição da violência leva à "Insensibilização", um aumento gradual da tolerância ao abuso, que normaliza comportamentos violentos que antes seriam reconhecidos como tal. A dependência financeira e emocional, aliada a barreiras sociais como a pressão para manter a família e a escassez de serviços de apoio, reforça o aprisionamento.

CONCLUSÕES

Acredito ser possível dizer que essa pesquisa demonstra que o amor romântico, como um construto cultural, é um veículo para a opressão feminina, tornando-as vulnerável a relações abusivas. A socialização sexista, a internalização da dependência, a idealização de relacionamentos e a normalização social da violência são os pontos fundamentais para a manutenção dessa vulnerabilidade. A superação da violência de gênero exige uma abordagem sistêmica que transcenda a mera intervenção em casos individuais. É essencial desconstruir as normas culturais que naturalizam a violência e redefinir o amor como uma prática ética baseada no respeito mútuo e no crescimento individual, conforme proposto por bell hooks.

REFERÊNCIAS

- BEALL, A. E.; STERNBERG, R. J. The social construction of love. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 21, n. 1, p. 1-28, 2004.
- COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. 1. ed. Melhoramentos, 2012.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.
- JARDIM, M. C.; MIWA, M. **A Violência como Vivência Afetiva no Amor Romântico**. Rev. Cadernos de Campo, Araraquara, v. 23, n. 00, e023012. e-ISSN: 2359-2419.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOBATO, Josefina Pimenta. **Amor, desejo e escolha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2015.
- ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**: sobre mulheres, homens e relações. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.